

*Expositor, Gustavo José do Rego.*

N. 704. -- Uma pelle de cobra surucueú com vinte e oito palmos de comprida.

*Expositor, o Dr. J. d'Aquino Fonceca.*

N. 705. -- Diversas armas e insignias dos indios.

O sebo vegetal extrahido da urucuba e amostras de fructos desta arvore foram expostos pelo mesmo Sr. Dr. Aquino, que tambem expoz o apparelho de chá de barro preto fabricado no icô pela surda e muda.

Nos productos industriaes do Ceará os que estão sob o nome do Sr. Manoel Dias não pertencem a elle, mas sim ao Sr. Manoel José Pereira Pacheco, de quem igualmente são os objectos dos n.º 70 a 104 (35 artigos diferentes da carnaúba) dos productos naturaes da mesma província.

JOSÉ DE VASCONCELLOS.

### Inah.

(Por L. N. F. Varella.)

#### I

— Dizem que a lei de teu Deus ensina os homens a amarem-se como irmãos — que tua religião tem horror ao sangue e as guerras — que teus costumes são meigos e brandos ; entretanto teus semelhantes se apoderam de nossas plagas — ensoparam os campos com as ondas de sangue de nossos melhores guerreiros e fizeram nossas filhas escravas. Das formosas regiões onde vivímos, expulsaram-nos para os mais reconditos desertos — quebraram nossas divindades e mataram tudo o que tinhamos de mais caro ! Agora dize o que mereces que te façam ?

Cercado de seus guerreiros, Junto das imbutivas que em torno da taba se levantam, estava, perto das fogueiras, o chefe indiano e assim fallava ao prisioneiro.

O mancebo christão encidiu tristemente a cabeça e não respondeu.

O Índio continuou :

— Não somos maiores de percorrer estas terras que nos deu nosso Deus — não podemos fumar em tranquilidade o cachimbo da paz, nem fazer nossas filhas dansar em torno das fogueiras, nas bellas noites em que as flores abrem o seio para conversar com as estrelas, e o vento desfaz-se em cantorias nas palmas do coqueiral, porque a cada instante tememos que ossos homens armados de ferro nos venham escravar e matar !... Juraste-nos uma guerra de morte : nós faremos o mesmo. Prepara-te que amanhã vais morrer.

Uma lagrima brilhou entre os cilios do moço e correu tremendo ao longo das faces pallidas, como uma estrela cadente pelas neblinas do firmamento.

Depois o chefe se retirou, e o christão amarrado, fieou entregue à guarda de quatro robustos filhos do deserto.

#### II

Na hora em que a tribo das phalemas nocturnas dourdeja pelas varzeas silenciosas — em que o grilo faz ouvir o seu canto monotonio nas muitas do sapezal e o vagalume reflete o clarão da sua lanterna azulada na face som-

bria dos brejos, uma voz doce e harmoniosa cantava junto ao leito do condemnado estes threnos melancolicos :

— As ygaras estavam amarradas na margem do rio e o fumo preguiçoso da paz levantava-se da baba dos guerreiros.

Para além das montanhas as yassanans estendiam o vôo — os cipós da beira d'agoa sacudiam as flores na correnteza e o vento susurrava nas plumas cinzentas do ubá, quando minha mãe morreu.

— Eu desfolhei sobre seu corpo as pétalas cheirosas do manaha e as florinhas alvas do espinheiro. Para sua cabeça fiz uma grinalda das parasitas vermelhas que moram nos galhos do jequitibá.

Depois ella desceu para o seu leito de terra e eu fiquei só.

As luas brilham e passam, — as neblinas vêm e tornam a voltar, mas a alegria fugiu de meus olhos.

Agora tu appareces, oh filho dos paizes da aurora — minha alma está escrava de ti e meu coração sente que ainda pode reviver.

O archote de cedro ardia junto a meu leito — a fumaça das resinas perfumava a cabana de meu irmão, porém eu me ergui silenciosamente e corri a salvar-te. Levanta-te.

A voz tinha cessado de cantar ; o moço christão abriu os olhos e viu diante de si uma imagem de mulher — bella como a sombra de Atalá, como a virgem dos derradeiros momentos.

— Quem és tu, perguntou elle, que vens cantar tão tristemente junto ao leito do condemnado ?

— Sou Inah, respondeu a moça, irmã do chefe guerreiro.

— Oh ! tu és bella como os anjos do paraizo de meu Deus — como a visão dos inspirados sonhos de minha terra, exclamou o mancebo, — o gorjeio das aves que annuncia a madrugada, não é mais suave que o clarão de teus olhos : dize o que queres de mim, oh formosissima filha das solidões ?!

— Quero salvar-te, respondeu Inah, levantate.

O christão mostrou os guerreiros que o vigiavam e sacudio tristemente a cabeça.

— Deixa-os, mormurou a indiana ; derramei em sua bebida o summo de uma erva que faz dormir, elles não te verão.

Então o mancebo mostrou as cordas que lhe rouxeavam os pulsos.

Mais ligeira que uma corsa, Inah pulou junto de um dos guardas, arrancou-lhe a faca da cintura e cortou as cordas. O christão estava livre.

— Eu te agradeco, oh filha da liberdade, disse elle inundando de lagrimas e de beijos a mão pequenina da indiana ; tu me salvas-te a existencia, o que poderei eu te fazer ?

— Leva-me contigo para qualquer parte que fores, respondeu Inah, e eu serei tua escrava, porque meu coração não pode viver sem ti. Se queres riquezas eu sei onde se estendem as veias de ouro e os brilhantes que fascinam à luz do sol. Manda, que eu te leverei lá.

Elle deixou pender a cabeça sobre o peito, pareceu reflectir dolorosamente um momento depois disse resoluto :

— Vamos, salva-me ; leva-me para longe de teus irmãos, onde eu possa ver meus semelhantes ; guia-me, porque eu não conheço teus desertos.

Inah tomou a mão do mancebo e conduziu-o á beira do rio ; uma canoa estava amarrada ahi, ella, desprendendo-a, entrou com o moço e deixou o madeiro rolar à mercê da correnteza.

#### III

A noite era bella como um sonho na região das magias. D'entre os alvos lençóis de neblina que franjavam os horizontes remotos, a lua erguia-se meiga, radiante como a odalisca que se levanta das banheiras de marmore do serralho. Os ingazeiros coroados de flores alvas como a neve debruçavam-se à margem do rio e lhe beijavam a espuma de quando em quando — a brisa carregada de effluvios alpestres corria docemente na atmosphera tepida.

Do selo das florestas e das savanas erguia-se um murmúrio languido e mysterioso e perdia-se no ar em acusmatha suavissima ; era, quem sabe, a dulcia das flores, que se desmaiam de volupia aos beijos da viração, ou o respirar tremulo do genio das solidões, que se inclinava em extasi suave ante esse astro de languores que parecia ainda contemplar com amor Endymien adormecido.

Entretanto nas limpídas agoas do rio a canoa rolava mansa e silenciosa como um cygne morto, servindo-me da expressão do poeta ; um murmúrio imperceptivel erguia-se apenas da prâa, no cortar das agoas, levantava levemente um flóco de espuma transparente.

O mancebo ia sentado na prâa, e a indiana amorosa como Cluta inclinada a seus joelhos, estremecia num espasmo suave sob aquelle olhar que lhe entornava no seio torrentes de ignota voluptuosidade.

Perfumados e negros rolavam-lhe os cabelos pelo collo amoreado, entre-abertos os labios — ella respirava em ofegar sensual aquellas emanações selvagens que ondeavam pela atmosphera.

O moço christão a considerava com o olhar temperado de amor e de tristeza, e de quando em quando unia seus labios incandescentes ás tranças cheirosas de Inah, e parecia abrasarse do habito suave que partia do seio della,

Depois a moça dizia algumas palavras meigas e docemente tremidas pela languidez de seu peito ; o mancebo respondia, e continuavam silenciosos.

— Tu não me deixarás mais, não é assim ? murmurou Inah, cobrindo de amorosas lagrimas a mão pallida do moço.

— Sim, eu não te deixarei mais, repetio elle com tristeza.

— Oh ! eu te amo muito ! continuou ella : para que queres ir ter com teus irmãos ?... tenho medo que chegando lá tu te esqueças de mim.

— Eu ?... nunca ; exclamou o moço levando aos labios as tranças bastas da indiana, não te devo eu minha vida ?...

— Sim, proseguio ella, mas dizem que as mulheres do teu paiz são bellas e dellicadas ; ellas te agradarão mas do que eu.

O mancebo não respondeu ; uma idéa acerba e dolorosa ia-lhe funda pela cabeça.

— Escuta, disse Inah tomando-lhe as mãos, eu conheço uma terra bella e cheia de flores ; as alboticabeiras tomam conta dos mattos, os ananazes abundam nas campinas, os passarinhos cantam um anno inteiro. Vamos para lá ; nós faremos uma cabana de coqueiro e viveremos juntos. Eu queimarci junto a teu licito a resina cheirosa do jatahy e as sarpas de grâuna ; eu cantarei as modinhas do meu paiz para que tenhas sonhos felizes... vamos para lá.

O christão ergueu a cabeça, e a luz da lua que lhe batia no rosto, Inah viu as lagrimas que lhe tremiam nos olhos.

— Porque choras tu ? disse ella passando-lhe os dous braços em torno do pescoço, não te agrada o que eu te digo ?...

— Oh ! agrada-me muito ! disse o man-

cebo soluçando; mas o meu Deus não o quer!...

— Deve ser muito máo o teu Deus para prohibir assim que sejas feliz! replicou Inah.

O moço não respondeu, calou-se deixou a cabeça cair sobre o peito e internou-se pelo seu triste meditar.

A natureza tinha assomado n'este momento a magestade phantastica de um paiz de fadas. Um oceano de nevoas havia tudo evadido de maneira que os fugitivos nada viam em torno de si—nem mesmo a agoa do rio, nem a praia cortadora da canha. Acima de suas cabeças tudo era branco e infinito, inundado de um immenso clarão; branco e sem termos estendia-se tudo ao redor delles.

E a canha rolava, parecia não mais estar sobre a terra, em um rio, porém no espaço—além das esferas—perdida nas nebulosidades luminosas do ether.

Os dous fugitivos iam silenciosos, unidos um ao outro como dous genios das neblinas em seu passeio nocturno.

#### IV

Era um cemiterio, no arrebalde de uma aldeia. A viração da tarde embalava tristemente os lacrimosos galhos do chorão—as florinhas da campa exalavam seu melancolico perfume.

Junto a um pequeno monumento de pedra, estava ajoelhada uma mulher joven e bela; a poucos passos um mancebo pallido tinha os olhos arrasados de doloroso pranto e soluçava amargamente.

O tumulo era pobre e singelo, não havia ali nem epitafio nem inscrições, mas simplesmente este nome—Inah.

Depois de haver dado livre curso as suas lagrimas, o mancebo ajoelhou-se e disse á sua companheira:

— Oremos a Deus, porque sem elle não terias aqui teu marido.

— Sim, respondeu a moça, ella fez-se christã; é uma santa que está no paraizo, peçamos-lhe que vele e sempre sobre nossa felicidade neste mundo; que continuemos a ser venturosos como até aqui; não é assim meu amigo?

Mas o moço não respondeu porque havia um segredo que lhe roia profundamente o coração.

(CORREIO PAULISTANO.)

#### O thesouro.

N'uma das províncias da Belgica viviam alguns annos passados dous velhos amigos. Marcos Servain, soldado veterano e Jacques Ilermelot, lavrador honrado. O casamento de seus filhos devia em poucas semanas estreitar mais os laços que os uniam. Este, não e Rosa amavam-se e apesar de não terem riquezas possuíam as qualidades que podem supri-la, a economia, a actividade laboriosa e os bons costumes. A alegria reinava nas duas cabanas onde tudo se preparava para o dia esperado e que não estava muito longe.

Ah! quando menos se esperava Jacques, lavrando o seu campo, acha um vaso cheio de moedas de ouro cuja antiguidade aumenta singularmente o valor. Hermelot adevinha toda a importancia da descoberta; chamou a sua casa sabios da cidade proxima e a venda das moedas deu-lhe uma somma na verdade

consideravel, porém ainda mais para um pobre camponês como elle.

Hermelot perdeu a cabeça; não comia, não dormia, só cuidava em comprar casas, sobradinhos e terras. Da embriaguez da alegria passou logo a do orgulho, o mal entrou imediatamente no seu coração, deixou de ser o bom Jacques, esqueceu o seu amigo, as suas promessas e o cuidado da felicidade de seu filho e quando este veio (tremendo porque sabia a maneira porque ia ser acolhido) lembrar-lhe que estava chegada a vespera do dia fixado para seu casamento com Rosa, Hermelot olhou para elle com espanto e lhe disse:

— Estás doido? Pois que tu ainda pensas nessa moça?

Esteve declarou-lhe a sua dor e os seus sofrimentos, mas Jacques não se commoveu; juntou todas as más razões que se podiam empregar na circumstancia, e deixou seu filho, declarando-lhe que era preciso esquecer-se de Rosa.

Esteve fora de si, correu a casa de Marcos.

— Eu lh'o peço, disse o pobre rapaz, que use dos direitos que tem de meu pai para abreviar a conclusão de um casamento cujos pregões já correram publicamente.

— Meus filhos, respondeu Marcos. Deus sabe que parte eu tomo no desgosto de ambos e quanto censuro o procedimento de Hermelot; mas tenho uma repugnancia invencível em me associar por assim dizer a força à riqueza de outrem.

— Mas é o céo quem o associa! Minha união com Rosa não estava decidida quando meu pai achou o seu funesto thesouro?

As supplicas dos desposados triumpharam dos escrupulos de Servain que foi procurar Hermelot e lhe disse:

— Meu amigo, o que teu filho me contou não pode ser verdadeiro. Nossa ternura mutua nos tornava commum tanto o pezar como a alegria. Tu não quizeras que aquillo que fez tua felicidade seja a causa da desgraça daquelle que te amam.

Jacques sentiu-se um pouco confuso diante do seu antigo amigo e foi com embarço que lhe respondeu:

— A experincia tem mostrado que as uniões desproporcionadas nunca são felizes. Acho melhor que tua filha case com um homem cuja fortuna esteja em relação com a sua. E como não me esqueci que Rosa é minha afilhada, dar-lhe hei um dote.

— Nada accumulará, disse Marcos com vivacidade, e nem eu aceitarei por bemfeitor aquelle que deixou de ser meu amigo; e sahiu precipitadamente.

Esteve junto de sua noiva, esperava o velho nas agonias d'uma mortal inquietação.

— Não penses mais em minha filha, lhe disse este, está tudo acabado, estão rotos todos os laços. Não quero replica, nem observação, nem lagrimas inutels! Não sou eu que faço a desgraça de ambos, é Hermelot. Mas quero o que o dever exige. Já que o senhor não pode ser o esposo de minha filha, é preciso portanto deixar de ser seu amante. Adeus, Esteve, tudo o que se passou não me impede de continuar a amar-te como se fosse teu par, mas prohibo-te que falles a Rosa e que a fernes a ver.

Tres meses se passaram. Esteve tantas vezes só lançara aos pés de seu pai como era logo repelido até que por fim perdera a esperança de o abrandar.

Desde então seu caracter tomou um aspecto sombrio e seroz; longe de achar prazer nos divertimentos que lhe oferecia a nova fortuna, mostrava ter-lhe horror por lhe custar essa riqueza o sacrificio do seu amor.

Recusando tomar parte no luxo aldeão de

que Hermelot se cercava tinha teimado em conservar seus vestidos grosseiros; sustentava-se de pão e agua, dormia sobre a palha e só saltava para repellir as represeções, e as mesmas supplicas ouvia-as em silencio, e com aquella physionomia que mostra uma resolução inabalavel e uma idéa fixa. Emfim vivia de uma maneira que o podia conduzi-lo à loucura e que talvez já fosse o primeiro symptom della.

Jacques imaginou que a dor de seu filho não abrandaria sem que a causa dessa desaparecesse, excitou perseguições contra Marcos com o fim de obriga-lo a deixar o paiz. Porém não foi muito bem sucedido; Marcos achou um protector n'um agente d'autoridade. Apezar do seu lugar inferior este agente teve a força necessaria para fazer respeitar o direito e a justiça.

Era elle guiado pelo sentimento do seu dever ou pelo seu amor pela filha de Servain? Ignora-se; mas poucos dias depois elle pediu-a á seu pai e Servain mostrou-se muito disposto a consentir no pedido. Chamou Rosa em particular e disse-lhe:

— Minha filha, Jacques é agora nosso inimigo. Se tu queres nos pôr ao abrigo do seu odio aceita por marido o homem de bem que te pede.

Rosa estremeceu; na situação em que se achava, a unica consolação era conservar uma liberdade que a deixava na esperança. Pediu esperar para se determinar ao sacrificio que a piedade filial exigia della; assim o boato desta união projectada teve tempo de chegar aos ouvidos de Esteve.

A negra melancolia que se Unha apoderado delle chegou então ao mais profundo desespero; pôde obter de Rosa uma entrevista e esta entrevista deu-lhe algum socorro, por quanto fazia-lhe conhecer que ella não tinha nem esquecido nem repudiado sua mutua ternura.

Dissemos uma apparencia de socorro; e ainda assim foi bem enganadora. Esteve cabis em meditações tão profundas que parecia insensivel ao que se passava em torno de si, como se tivesse perdido o uso dos sentidos. Alguma cousa de mais precioso ainda o tinha abandonado por momentos; era a razão.

No celera que lhe inspirava as perseguições de que tinha sido objecto, Servain tinha deitado escapar algumas imprecações contra Jacques.

Ele tinha anunciado que o céo, tirando-lhe a fortuna, puniria o orgulho e a crueldade que esta fortuna lhe inspirava.

O acaso pareceu prevar que Marcos tinha o dom da prophecia; em poucos dias todos os rebanhos de Jacques morreram de uma moléstia desconhecida, as arvores de seus pomares seccaram rapidamente, emfim durante sua ausencia um incendio consumiu inteiramente suas igrejas e sua casa. Este ultimo acontecimento foi tanto mais desgraçado para elle quanto o fogo tendo-se comunicado a granja de um vizinho este fez com que elle o indemnisse da perda que o fizera soffrer.

Estas calamidades lançaram Hermelot n'uma pobreza tão grande como a em que elle vivia antes de achar o thesouro, e nesta queda cruel o seu maior pezar era ver que ninguem sentia a sua desgraça.

Jacques, irritado cada vez mais, e não vendendo na sua desgraça senão signes de aversão e de desprezo, tornou-se avido de vingança.

Imaginou que suas desgraças não eram senão os affectos do odio de algum invejoso. Marcos tinha proferido ameaças contra elle, e tinha predito a sua ruina! Te-la-hia causado? A suspeita entrou logo no espirito de Hermelot e foi acusar seu companheiro perante os tribunais.